Acervo ISA

CEDI

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JT

CLASS. : 146

DATA : 18 X 89

PG. : 18

Putjawa nasceu na mata, longe do médico.

Os avá-canoeiros, agora vestidos.

Fotos: Betty Hirata/AE.

Nasceu o futuro dos avá-canoeiros

Putjawa, uma indiazinha magra de pouco mais de 40 centímetros e quatro quilos, nasceu há 30 dias. Ela é uma das únicas promessas de futuro para um grupo de 13 índios que convive com a ameaça de extinção, os avá-canoeiros, que vivem ao norte do Estado de Goiás, entre o rio Maranhão (nascente do Tocantins) e a Serra da Mesa. A partir de 1961 e após um grande massacre, eles começaram a fugir dos brancos, se espalharam em pequenos grupos e interromperam deliberadamente o processo de crescimento de sua tribo por medo da chamada "colonização". Embora não existam ainda estudos oficiais, há informações de que o crescimento da tribo foi interrompido por um processo de aborto deliberado: as mães esmagavam o feto em seus ventres.

O nascimento de Putjawa foi cercado de cuidados especiais da Funai em seu posto médico instalado na cidade de Gurupi, em Goiás. Tantas preocupações no acompanhamento da gravidez de Thuya (a mãe) e uma vigilância severa, que a polícia esteve para ser acionada, na manhã de 11 de junho, quando a mulher desapareceu da Casa do Índio. Estava na hora do parto. Thuya trocou, às escondidas, o obstetra e sua anestesia pela folhagem das matas próximas. "Todo mundo acreditou que ela fugira para não ter a criança", lembra Nivon de Carvalho e Silva, diretor da Funai para a região Centro-Oeste. "Mas acabou sendo um dia histórico, o ressurgimento de uma nação que estava praticamente exterminada", afirma.

Mas as ameaças ao grupo não acabaram ainda: além de a região onde moram estar prestes a ser inundada pelo reservatório da hidrelétrica de Serra da Mesa, em fase de construção, pouco a pouco os avá-canoeiros estão perdendo hábitos e costumes que lhe eram peculiares, com andar nu por exemplo. E substituir palavras de seu idioma por outras em português. "O que está ocorrendo é um etnocídio (matança da raça)", alerta Mônica Pechincha, uma antropóloga que há dois anos tenta acompanhar a história e o comportamento dessa tribo sem caciques e pajés, incapaz de reagir à destruição de sua cultura.

Rubens Santos/AE